
CARTAS NARRATIVAS: um olhar sensível sobre as práticas dos docentes de educação física

*Flaviana Custódio Silvino
Luciana Netto Dolci*

Resumo

A escrita é um recorte da dissertação defendida em 2022, no Programa De Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), apresentando uma *pesquisa narrativa* com cinco professoras e um professor, ambos da área de educação física (EF), mais especificamente, três professoras da rede municipal da cidade de Rio Grande/RS, duas professoras universitárias e um professor universitário. O enfoque da pesquisa foi compreender se existe a presença da educação estético-ambiental nas metodologias pedagógicas desenvolvidas pelas professoras e pelo professor de EF nos ambientes onde atuam. Para construção dos dados, optou-se pelas *cartas narrativas*, uma das estratégias dentro da *pesquisa narrativa*, permitindo, assim, que elas e ele pudessem fazer um exercício de escrita/reflexão sobre a sua trajetória profissional. Os relatos revelaram que, ao longo de suas experiências docentes, mesmo sem conhecerem formalmente o conceito de educação estético-ambiental, as professoras e o professor desenvolvem práticas que se alinham a essa perspectiva, incorporando-a, ainda que de forma intuitiva em suas aulas de educação.

Palavras-chave: educação física; educação ambiental; educação estético-ambiental; cartas narrativas.

NARRATIVE LETTERS: a sensitive look at teaching practice physical education

Abstract

The writing is an excerpt from the dissertation defended in 2022, in the Postgraduate Program in Environmental Education (PPGEA) at the Federal University of Rio Grande (FURG), presenting a narrative research with five teachers and one professor, both from the area of physical education (EF), more specifically, three teachers from the municipal network in the city of Rio Grande/RS, two university professors and one university professor. The focus of the research was to understand whether there is a presence of aesthetic-environmental education in the pedagogical methodologies developed by PE teachers in the environments where they work. The narratives revealed that, throughout their teaching experiences, the teachers despite not being formally familiar with the concept of aesthetic-environmental education, develop practices that align with this perspective, incorporating it, even if intuitively, into their physical education classes

Keywords: physical education; environmental education; aesthetic-environmental education; narrative letters.

CARTAS NARRATIVAS: una mirada sensible a las prácticas docentes educación física

Resumen

El escrito es un extracto de la disertación defendida en 2022, en el Programa de Posgrado en Educación Ambiental (PPGEA) de la Universidad Federal de Rio Grande (FURG), presentando una investigación

narrativa com cinco docentes y un profesor, ambos del área de educación física (EF), más específicamente, tres profesores de la red municipal de la ciudad de Rio Grande/RS, dos profesores universitarios y un profesor universitario. El foco de la investigación fue comprender si existe presencia de la educación estético-ambiental en las metodologías pedagógicas desarrolladas por los docentes de EF en los ambientes donde actúan. Para construir los datos se optó por cartas narrativas, una de las estrategias dentro de la investigación narrativa, permitiéndole así a él y a ellos realizar un ejercicio de escritura/reflexión sobre su trayectoria profesional.

Palabras clave: educación física; educación ambiental; educación estético-ambiental; cartas narrativas

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute os entendimentos sobre a educação ambiental e educação estético-ambiental das professoras e do professor em suas aulas de educação física. A educação ambiental (EA) integra um conjunto de saberes que abrange os conceitos sociais, morais, éticos e estéticos, apresentando-os como princípios básicos conforme art. 4º da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 (PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental): I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; III – o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade; IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2018), o ensino da educação física na escola passa a privilegiar oito dimensões do conhecimento: experimentação; uso e apropriação; fruição; reflexão sobre a ação; construção de valores; compreensão e protagonismo comunitário. Desse modo, as aulas de educação física promovem mais um espaço para debates e discussões, pois nota-se que há necessidade de entender e aplicar o processo pedagógico. Nesse sentido, a educação física abrangeria os fatores que cercam esses/as alunos e alunas, resultando em atividades articuladas que envolvam a prática pedagógica da educação estético-ambiental (EEA). Ainda sobre a educação estético-ambiental, Vásquez (1999) afirma que, em certos momentos da vida, todos experimentamos situações estéticas, independentemente de quão ingênua, simples ou espontânea seja nossa postura diante delas. Além disso, nossas ações são frequentemente orientadas por uma consciência ou por ideologias estéticas.

Observa-se, na citação do autor, a necessidade de uma sistematização que possibilite não apenas a compreensão, mas, sobretudo, a aplicação do conhecimento adquirido. Essa esquematização compreende a relação do ser humano com o mundo em suas diversas esferas sociais, ou seja, nas interações interpessoais entre ser humano e mundo, e vice-versa. É a partir dessas relações, que atravessam o cotidiano de estudantes e professores(as), que busco interpretar as múltiplas facetas presentes em uma mesma turma, escola, bairro e comunidade.

METODOLOGIA

Esta é uma *pesquisa narrativa* de cunho qualitativo que se deu por meio de encontros por videoconferências devido à pandemia da Covid-19 e ao isolamento social. Desse modo, para a construção deste estudo, foi escolhido um grupo de cinco professores de EF, composto por: três professoras que atuam nas escolas municipais da cidade de Rio Grande/RS, uma professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), uma professora da Universidade Federal de

Pelotas (UFPEL) e um professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Inicialmente, uma das perguntas dirigidas aos (as) participantes foi: *Qual nome gostariam de serem chamados (as)?* E assim, cada uma/um se deu um codinome. Portanto, a seguir, teremos as *Cartas Narrativas* da Alice no País das Maravilhas, da Ceila, da Flor, da Melica, da Simone de Beauvoir e do Xadrez.

Contextualizando a *pesquisa narrativa*, nota-se que nela há relação entre a questão de interação, de troca, de partilha e, principalmente, o diálogo entre a/o entrevistada/o e a/o entrevistadora/o, assim como descreve Benjamin (1994, p.197):

[...] no processo narrativo o sujeito encontra-se implicado na série de eventos e acontecimentos evocados, ao passo que na descrição ele, na condição de sujeito, se encontra apartado do relato que adquire uma dimensão objetiva, descritiva e observacional.

Por intermédio das cartas, podemos ter ligações diretas com o leitor, pois, expressamos diversos sentimentos e nos desvelamos na escrita. Desse modo, a carta também é uma estratégia pedagógica de fácil uso, pois sua linguagem é determinante, de acordo com a intenção da/o escritora/o. A partir dessa introdução ao referido documento, a utilização da *carta narrativa* foi proposta pelas pesquisadoras, que convidaram os(as) participantes a escrever uma carta endereçada a si mesmos(as), remetendo-se ao início de suas trajetórias docentes, com o propósito de aconselhar ou orientar o próprio *eu* daquele período inicial.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Dando início à análise das *cartas narrativas* (CN), conforme mencionado anteriormente, ficou acordado que, depois do nosso encontro virtual, as participantes e o participante iriam nos enviar por meio de e-mail uma *carta narrativa* escrita para o seu *eu* do início da carreira, contendo, no máximo, duas laudas, e assim foi feito.

A primeira carta, de Melica, apresenta duas noções que ela considera relevantes para sua versão do passado, as quais orientam o caminho a ser percorrido. Ela evoca, então, a concepção de experiência proposta por Larrosa (2002, p.20-28), “[...] para deixar semeada a noção de que vivas cada momento de tua trajetória profissional não como algo impávido, autodeterminado ou definido, como uma busca por um lugar já conhecido e peremptório”, e prossegue: “[...] mas, sim, como algo que te toca, que te acontece, que tem um significado e que te transforma, ou mesmo te torna diferente do que eras antes”. Entramos em concordância com a verbalização da Melica e podemos dizer que as experiências vão nos transformando, nos moldando e nos localizando:

Não te norteies pela ideia de que tudo vale a pena, nem sempre... às vezes, o recuar e o te negar a seguir um caminho já determinado ou tomar algumas decisões nem sempre esperadas, te fazem encontrar um equilíbrio que te lançará mais forte para seguir e encontrar teus próprios significados, diferentes, impensados, mas com um sentido próprio e que só tu poderás compreender. (Melica).

A segunda noção que a Melica do presente relata é que gostaria de deixar para a Melica do passado os princípios da incerteza, da imprevisibilidade, do não binarismo, trazidos pela teoria dos monstros, de Cohen (2000), por meio da seguinte descrição: “A partir dela, se transforma tua trajetória profissional com a imagem de um monstro que ameaça sempre a mudar, que sempre escapa, pois ele não se presta a categorizações, classificações ou enquadramentos”. Interpretamos

aqui que não se pode lecionar como se o ensino fosse composto por *caixinhas pedagógicas*, pois há pluralidade no processo de ensinar. Além disso, Melica continua dizendo:

Não temas a incerteza, busca o caminho do híbrido, resistas a qualquer tentativa de te enquadrar em qualquer estruturação sistemática. Aceita o perigo de percorrer teu caminho como uma monstruosidade suspensa entre formas, que raramente possam ser contidas, pois escapam continuamente. [...] te desejo que movimentes tua vida como um caleidoscópio, cujas imagens se modificam a cada movimento proporcionado (Melica).

A segunda *carta* é a da Simone de Beauvoir, a qual ela dá o nome de *Carta para Simone de julho de 2008*. Ela inicia a sua escrita agradecendo por sua sensibilidade, seu tempo dedicado ao estudo, sua determinação, e por ter iniciado na docência pública e enfrentado os inúmeros desafios que esse fazer traz. Para estabelecer o diálogo entre a Simone de hoje e a Simone de 2008, ela traz para a conversa a escritora e filósofa Simone de Beauvoir (1949) com a questão do tornar-se mulher, do livro *o Segundo Sexo*. Mais precisamente sobre o verbo *tornar*, faz uma indagação: *o que nos tornamos quando trilhamos as nossas trajetórias de vida?* A ligação que a professora cria com essa questão da autora é a seguinte: *ninguém nasce estudante, mas sim, torna-se estudante... ninguém nasce professora ou professor, mas sim, torna-se professora e professor*.

A professora Simone, então, declara que quer celebrar, por meio da carta, parte de um processo de *tornar-se*, e, para continuar, pergunta: *o que nos tornamos quando acessamos a universidade pública?* e mais: *o que nos tornamos quando acessamos a universidade pública na condição de discente e docente?* Completa também com o seguinte questionamento: *“o que nos tornamos quando acessamos o curso de educação física?”*. A seguir, ela relata a maneira de aproximação para com os alunos e alunas:

Sinto que as lutas travadas em prol da universidade pública me ajudaram a localizar melhor os conteúdos que trabalho [...] entendo que a experiência de estar dialogando com alunas e alunos me fizeram compreendê-las e compreendê-los e, conseqüentemente, acessar elas e eles de uma maneira mais efetiva. (Simone).

Simone, nessa declaração, mostra-se preocupada com a maneira de interagir com os seus alunos. A Simone de hoje informa à Simone de 2008 que o processo de se tornar professora não foi rápido e que ainda não acabou, visto que ele acontece cotidianamente e traz, a cada dia, uma nova reflexão sobre o que fazer na posição de docente de EF de uma universidade pública. Além disso, ela alerta sobre as questões atuais da nossa educação conforme narrativa a seguir:

Hoje, Simone, vivemos uma realidade oposta. A ciência, a universidade pública é desvalorizada e desmontada pelo (des) governo do país. Além disso, estamos em plena pandemia, o que nos fez reinventar o processo de docência, uma vez que, há mais de um ano, não entro em uma sala de aula. (Simone).

Ao terminar a sua carta, a professora Simone de Beauvoir descreve: *quero te dizer, Simone, que continuo me tornando professora [...] sigo estudando, aprendendo e me desafiando a ensinar, um grande abraço!* Com isso, ratifica-se mais uma vez que ser professora ou professor é desafiador, devido aos inúmeros impasses que sofremos ao longo das nossas carreiras. Logo, ser professor, sim, é um ato de amor; ensinar é um ato de amor (Freire, 1996).

Agora, convido à leitura de trechos da carta do professor Xadrez, que inicia sua escrita cordialmente: *Caro Xadrez, como vai?* Em seguida, demonstra certa dúvida em relação à escolha do curso, e às oportunidades na área escolhida. Além disso, em sua narrativa, o professor descreve

sobre a afetividade em relação ao seu início docente, pois, sua primeira oportunidade, após formação, foi na escola em que estudou durante seu ensino médio:

Além disso, essa oportunidade ainda tem um lado emotivo porque não é todo dia que se vê alguém receber a primeira *porta aberta* de trabalho como professor no mesmo lugar em que iniciou a escolarização e por lá permaneceu até a conclusão do ensino fundamental (Xadrez).

O professor Xadrez demonstra, ainda, preocupação quanto ao papel de professor de educação física, relatando: *seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo*. E, finalmente, aconselha o Xadrez do início de carreira com pequenas dicas: *Não seja sempre o mesmo porque, ainda que todos esses 'Xadrezes' te constituam, o Xadrez professor está por ser construído* e ainda completa: [...] *Entenda que tens mais a oferecer a eles do que essa face dura que tem medo de se aproximar para não perder o respeito. Não confunda seriedade com cara fechada. Não confunda educação com punição...ou não aprendeste nada com Foucault¹?. Quando é citado o nome do escritor Michael Foucault, entendemos que o professor Xadrez faz referência à obra chamada Vigiar e Punir, (nome autoexplicativo), o que se faz mais potente na narrativa a seguir: *não precisa interromper indefinidamente uma aula de educação física (vou falar mais alto para ser exagerado, de EDUCAÇÃO FÍSICA!) porque fulaninho sentou e não quer participar da atividade. Não! Convença-o a gostar, fazendo os demais se divertirem e mostrando o que ele está perdendo*". Afirma ainda:*

[...] que essa disciplina que carrega, do ponto de vista ético, seja o combustível para te manteres esse jovem professor (ou um professor jovem) que estás prestes a iniciar sua trajetória. E isso não tem nada a ver com idade ou tempo de serviço, ok? Afinal, o que é ter experiência num mundo que, a todo o momento, se renova? (Xadrez).

Para corroborar as palavras de Xadrez, trazemos Larrosa (2011, p.04-27), que afirma que “[...] a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão”. Compreendemos, assim, que educar é uma paixão, no sentido de assumir o padecimento em experimentar, em se arriscar, em refletir sobre os seus atos e de ter responsabilidade com as suas ações e com relação ao outro.

Ceila inicia sua carta com um adjetivo afetuoso: *Querida Ceila...* e, em seguida, reconhece que sua versão do passado está iniciando a carreira docente, ciente da relevância dessa escolha profissional. Portanto, já a aconselha, dizendo: [...] *vai mudar o teu olhar e teu dia a dia. Sentir medo e insegurança vai ser natural, porém, podes ter certeza que vais vencer todos os obstáculos que estiverem pelo caminho*. O novo, de fato, assusta e desafia, mas, com o passar do tempo e a vivência da prática docente, transforma-se em grandes aprendizados e inúmeras conquistas.

Adiante, ela descreve que conheceu outras realidades durante a docência, conforme narrativa a seguir: [...] *o que posso perceber é que, independentemente do local, do ambiente de trabalho, dos alunos ou dos colegas, me sinto feliz e realizada. Eu gosto de dizer que o ginásio, a quadra e a sala de aula são o meu chão*. E continua: [...] *somos seres em constante evolução, e estar dividindo os meus dias e noites com os alunos me faz evoluir diariamente*. Na sua narrativa, percebemos o quanto Ceila mostra-se realizada com a profissão de professora, com seu amor pela docência. Finalizando, sua carta apresenta um desejo: [...] *que tua caminhada seja leve, que tenhas muito sucesso em todas as escolhas que tu realizares!*

Do mesmo modo, Alice inicia sua carta com Querida Alice. Ela descreve sobre o clima do dia em que escreveu a carta endereçada à Alice no País das Maravilhas do ano de 2010: [...] *está frio, úmido e ventoso... aqueles dias típicos da nossa cidade natal... aqueles dias dos quais gostamos*

¹ Foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France.

tanto. Alice escreve para contar para Alice de 2010 tudo que aconteceu no tempo que passou e confessa: Relutei em te escrever, pois, como sabes, não gosto de me expor, mas realizar esse exercício de memória se torna potente, e me coloca a pensar sobre as minhas experiências, as idas e vindas do meu fazer pedagógico cotidiano.

Alice ainda menciona um dado muito significativo, pois quanto mais ela tinha aulas no curso de EF, mais vontade ela tinha de lecionar nessa área. E continua: Aprendi muito sobre corpo e o quanto as experiências passam por ele... tudo em nossa vida passa pelo nosso corpo, inclusive o processo de alfabetização. Posteriormente, a Alice do futuro decide se desligar do cargo na prefeitura para se dedicar à graduação em educação física, oportunidade que lhe permite vivenciar diversas experiências, incluindo a atuação como professora substituta na FURG, em 2018, tanto em aulas de educação física quanto de pedagogia. Nesse sentido, ela complementa:

[...] pude contribuir minimamente com a formação acadêmica de diferentes acadêmicos e acadêmicas dos cursos de educação física e pedagogia, fazendo-os (me incluo aqui também) pensar sobre os processos de escolarização contemporâneos através do ensino, da pesquisa e da extensão a partir daquilo que é considerado como sendo da educação física. (Alice).

Em seguida, faz uma análise sobre o tempo que passou: [...] *hoje não tenho mais aquela sensação de culpa por ter desistido de um concurso público*. E completa com referência a um livro, no qual faz o seguinte movimento: [...] *um exercício que uma querida professora e amiga me ensinou foi de que devemos sempre pensar como Poliana² e tudo estará bem e está!* Nesse sentido, a metáfora sugere a importância de manter uma perspectiva positiva, mesmo diante de dificuldades, reconhecendo sempre os aspectos produtivos e construtivos das experiências vividas.

A última carta é da professora Flor, que inicia com *Olá, Flor! Sou seu eu do futuro* e continua dizendo que quer dividir com a sua versão do passado algumas coisas, principalmente em relação ao primeiro emprego que virá logo em seguida e que será um desafio: [...] *uma escola adventista, onde dançar é secular (coisa do mundo) meninos e meninas não devem encostar um no outro e saber jogar bola pode ser sinônimo de tirar 10 na disciplina, na perspectiva de alguns pais*. Ela diz à Flor que o maior conselho que pode lhe dar é ter paciência e tolerância, fazer do limão uma limonada e deixa um alerta: [...] *explora todas as outras possibilidades e um dia entenderás que esse momento vai te deixar mais preparada para o que vem por aí*. Entretanto, a Flor do presente fala que essa situação está longe de ser uma carreira perfeita e que a Flor do passado deve considerar sempre que ter a tão sonhada estabilidade não será alcançada por todos, de modo que ela deverá se sentir privilegiada. Avisa também:

[...] precisarás saber que, ao longo dos dias na escola pública, por vezes, a realidade dói. O aluno que tem fome, cujo pai foi preso, que não tem roupa pra vestir [...] nos dias de chuva ninguém vai à escola. A quadra sem traves (quando tem quadra, já é um paraíso)[...] bolas são artigos de luxo, materiais mais elaborados, então, nem se fala. (Flor).

Flor continua a sua narrativa, dando esperança: [...], mas tem sorrisos! Os olhos brilhantes que esperam ansiosos pela aula de educação física! As figuras que resmungam quando tu faltas e até tiram satisfação”. A professora Flor faz mais um alerta sobre a questão das aulas de educação física: [...] *precisarás lutar pelo espaço e valorização da educação física dentro da escola! Mostrar que é importante, que também tem momento de reflexão, que não é recreio, que não é moeda de troca e que não é só largar a bola” e,*

² Pollyanna é um livro de Eleanor H. Porter publicado em 1913 e considerado um clássico da literatura infanto-juvenil. A personagem sempre tinha pensamentos positivos sobre tudo.

ainda, complementa que [...] essa luta contempla os alunos, os colegas professores e a equipe diretiva, que, muitas vezes, tem uma imagem distorcida da disciplina?. Ao se encaminhar para o fim, destaca que o mais importante é fazer o que é possível dentro de sua realidade.

Em síntese, nas *cartas narrativas*, pudemos observar que há uma preocupação com o futuro da EF, por parte da Simone de Beauvoir, da Alice e da Flor, principalmente em relação ao seu lugar no currículo, sua ocupação no espaço escolar, mas há também um olhar mais sensível por parte da Melica, um olhar extasiado para com a sua prática e o que ela representa. Há uma insegurança do professor Xadrez sobre os caminhos a percorrer, porém sem perder o seu destino. Também ficam evidentes as narrativas simbólicas, o corpo viajante, que atravessam inúmeras vivências e situações, como narra Ceila, voltadas ao saber sensível, ao olhar para o outro, para esse corpo que, com o tempo, passa a perceber e a compreender novas formas de interação. Sendo assim, o que se esperar de uma professora ou de um professor de EF?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados, destacamos os princípios que envolvem a PNEA e estão presentes nas narrativas das participantes e do participante. Dentre os seis participantes, todos apresentam os princípios nas suas narrativas, porém os que mais se evidenciam são referentes ao enfoque humanista, holístico, democrático e participativo (I); o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade (III); a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais (IV) e a garantia de continuidade e permanência do processo educativo (V). Entretanto, no que se refere ao princípio que trata sobre a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade (II), é possível afirmar que apenas três participantes contemplam esse princípio em sua integralidade, enquanto os outros três enfatizam apenas os aspectos socioeconômico e cultural.

Desse modo, ao reler as *cartas narrativas*, é impossível não se emocionar novamente, não se reconhecer nelas...enfim, não realizar esse exercício de memória que nos remete à ansiedade pelo primeiro emprego, ao desejo de ser aceito(a), à busca pela perfeição nas aulas e à compreensão de que nem todas serão iguais. Nesse sentido, haverá luta pelo espaço e pela valorização da disciplina, a revolta em querer quebrar paradigmas e estereótipos já engessados, o olhar para o outro, a sensibilidade em enxergar o outro, a mobilização diante dos desafios. Portanto, ser professora, e aqui, neste caso, de educação física, é ser privilegiada com uma bola, com um espaço em que se possa dar a sua aula, e, principalmente, com aquele sorriso, aquele olhar de querer aprender. Há aquela vontade de experimentar, aquele olhar de agradecimento por um tênis e uma meia. Assim, ser professora de educação física requer a todo momento a reinvenção, e esse processo é visceral; é a arte de sentir (estesia).

Por fim, as *cartas narrativas* contribuem para o entendimento sobre os saberes docentes de diferentes contextos educacionais da educação física, possibilitando um olhar mais sensível e crítico dentro do seu fazer docente. Evidencia-se, portanto, uma preocupação com a aprendizagem como um todo, implicando-se desde o professor para com o aluno/aluna e vice-versa, constatando uma via de mão dupla, principalmente no que diz respeito ao papel da educação física escolar.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. *Institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 fev. 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2026
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. v. 1: Fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Publicado originalmente em 1949.
- COHEN, Jeffrey Jerome. *Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Autêntica, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- LARROSA, Jorge Bondiá. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Rev. Bras. Edu.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.
- LARROSA, Jorge Bondiá. *Experiência e alteridade em educação*. *Revista Reflexão & Ação*, v. 19, n. 2, 2011, p. 04-27.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à estética*. Tradução de Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Submetido em maio de 2024
Aprovado em outubro de 2025

Informações das autoras

Flaviana Custódio Silvino
Universidade Federal do Rio Grande- FURG.
E-mail: flaviana_silvino@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/00000002-27251411>
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7714416882325219>

Luciana Netto Dolci
Universidade Federal do Rio Grande -FURG
E-mail: ldolci@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1427-2088>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0517239633566682>